

Editorial



O presente dossiê reúne artigos que, sua diversidade, foram, originalmente, pensados numa chamada relacionada ao evento *Semfili - Seminário Internacional educação filosofias infâncias – “filosofar com infâncias: resistir na escola”*, ocorrido em São Mateus, ES, no Campus do Ceunes (Centro Universitário Norte do Espírito Santo) da UFES e no campus da Faculdade Vale do Cricaré, de 15 a 18 de agosto de 2018. No entanto, como o evento teve um amplo escopo, no sentido de atender aos parceiros envolvidos (docentes da educação básica e estudantes de licenciaturas, além da comunidade local), a chamada foi ampliada, em que pese suas limitações de alcance e divulgação, para diversas áreas do conhecimento, como se poderá conferir pelos artigos no presente volume.

Organizado pela UFES São Mateus, através do Departamento de Educação e Ciências Humanas (DECH) e do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB), em parceria com a UERJ, através do Nefi (Núcleo de Filosofias e Infâncias), ligado ao Programa de Pós-graduação em Educação (Proped), na pessoa do prof. Walter Kohan, com apoio da Prefeitura de São Mateus e Faculdade Vale do Cricaré, o evento reuniu em seus 04 dias mais de 1.000 pessoas em conferências, comunicações, simpósios, oficinas e minicursos. Do evento, foram organizados Anais em dois volumes, pela Editora Milfontes, em 2019, com resumos, comunicações e oficinas havidas no evento.

Como ‘não se pode entrar duas vezes no mesmo rio’, consoante o clássico pensador Heráclito, fomos surpreendidos, no entanto, no fim de 2019 e inícios de 2020, com a pandemia de coronavírus, que revirou de cabeça para baixo todo o mundo, incluída a Universidade, com consequências que podemos citar, entre outras: aulas remotas, eventos em formato virtual (as *lives*), um tratamento irresponsável da pandemia no Brasil, para dizer o mínimo, por parte do Governo Federal, com mais de 600 mil mortes de brasileiros, desemprego e fome jamais vistos no país. Também as atividades da Universidade foram atingidas pela pandemia, seja no tocante ao ensino e outras atividades, o que explica o longo período entre a chamada e a presente publicação, o que demonstra, por outro lado, que a Universidade, bem como a educação básica em geral, não pararam



suas atividades, bem ao contrário: como consequência da pandemia, em diversos contextos a educação teve dobradas suas tarefas no tocante à aprendizagem de novas tecnologias pelos docentes, dificuldades de acesso pelos discentes, doenças e consequente desestruturação de famílias, o que afetou a dedicação ao estudo e ao ensino, preparação de materiais para o ensino em formato digital etc.

A pandemia suspendeu os contatos presenciais e humanos que nos fazem sociais, tornando nosso relacionamento, preponderantemente, por máquinas, telas, algoritmos e conexões, para evitar a propagação de um vírus mortal, invisível e extremamente contagiante, com suas variações. Tal suspensão, por outro lado, pode nos evocar, para utilizar a expressão de Ailton Krenak em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, da Companhia das letras (2019), a oportunidade de repensar o próprio ciclo civilizatório destrutivo no qual estamos imersos. Em suas palavras, a epidemia se refere à própria civilização europeia capitalista e seu modo predatório de consumir e se reproduzir. A pandemia é a própria lógica de destruição da natureza vista como recurso e não como irmã e parte do corpo, mas como recurso, matéria-prima, mercadoria. Os povos ancestrais, com sua diversidade mostram a infância e um possível recomeço de uma outra vida com mais prazer, alegria, gratuidade, encontro, fraternidade e fruição sem lucro, moeda, acumulação... Nas palavras de Ailton Krenak, a epidemia já existe há tempos e foi o próprio encontro dos chamados civilizados com as formas de vida da Ásia, África e América em que o simples contágio (‘contato social’?) dos brancos levou à morte milhões de homens e mulheres. A colonização foi uma grande epidemia.

No entanto, celebramos, junto à palavra cortante do líder e pensador Krenak, também o sonho coletivo de narrativas de esperança e resistência, pois a pandemia como suspensão do tempo frenético dos mercados, pode ser também um tempo de parar, pensar, imaginar outras vidas...

Para o Krenak Ailton, a pandemia é a possibilidade do fim do mundo, em parte graças ao modo de vida predatório no qual vivemos, produzido pelo mercado que não pode parar. A parada pandêmica pode ser um tempo de contar histórias, recuperar relatos, criar laços e ampliar vozes por meios tecnológicos



para fazer o que em muitas tradições se chama “suspender o céu”, isto é, “ampliar nosso horizonte existencial, enriquecer nossas subjetividades, vivê-las com liberdade de inventar, manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência”.

Assim, eis o presente dossiê: uma contribuição do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Ceunes para esse momento singular, no qual vivemos muitas histórias: encontros, estudos, *lives*, violências de toda ordem perpetradas por governos formalmente democráticos em vários quadrantes do mundo, mas, sobretudo, *esperançamentos* e *luta* no espírito de Paulo Freire, cujo centenário celebramos neste ano. Que possa ter como companhia outros leitores e leitoras que se disponham a fazer da experiência que vivemos um começo constante de construção de liberdade, de ensinamentos de respeito e criação de alternativas para a educação, a sociedade, para a vida.

Em breves considerações, o dossiê apresenta artigos que tematizam pesquisas em diversas áreas, pautada na dimensão *ensinante* do estudo acadêmico e na dimensão *aprendente* da prática profissional de docentes, discentes em vários espaços. O primeiro artigo, de Piol e Paiva, “filosofia, encontros, experiências: potência da pesquisa entre escola básica e universidade”, nos mostra as potencialidades do encontro da pesquisa acadêmica na escola básica, especificamente focando a prática da autora em escolas públicas de Ensino Médio de Aracruz, município do interior do Espírito Santo. Ao problematizar o ensino de filosofia na educação básica, sua aposta é pela pesquisa pedagógica formativa, buscando superar mundos vistos como distantes: aquele da educação básica e o dos professores acadêmicos. Seu desafio é a reinvenção, a busca de novos sentidos de ser professor e professora que se põem a pensar.

A seguir, em outra direção, Leonardeli, Conti e Barbosa nos mostram que pode haver “Jogos e brincadeiras na educação infantil como resgate da identidade cultural na infância”, como contribuição para o processo de ensino aprendizagem durante a Educação Infantil. Se as brincadeiras são parte da cultura humana, seu uso pedagógico pode ajudar a criança a construir e



reconstruir relações sociais, artísticas e culturais, consoante habilidades previstas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Transferindo-nos para uma escola militar no sul da Bahia, somos levados a nos perguntar, no artigo seguinte, com Barros e Paiva, pelo ensino de filosofia como ética do *cuidado de si*, no diapasão de Foucault, Larrosa, Kohan e Gallo. Também resultado de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, Barros nos mostra, mediante pesquisa bibliográfica e imersão numa escola militar, processos disciplinares para além do *ethos* militar, buscando realizar um ensino de filosofia como estética da existência, comprometido com subjetividades críticas e criativas.

Numa sensibilidade e encontro raros entre a pedagoga e a professora de matemática, somos apresentados aos cantos e encantos de experiências escolares por Silvaes e Gomes, no terno escrito “Uma questão de ex/periência: antes do canto o en-/canto?”, que busca dar voz a desassossegos de vivências filosóficas nos encontros entre ‘cantos’ da escola com crianças de 05 anos, ‘cantos’ da gestão (as autoras atuam em coordenações de área numa rede municipal de ensino) e outros ‘cantos’, constituídos de espaços de formação docente junto à Universidade, capturando, conforme as intuições de Larossa, trajetórias potentes de acontecimentos, pensamentos e abertura novas práticas de ensinar.

Ainda no âmbito de uma interface entre pesquisa e ensino na escola básica, Moraes e Silvaes, em “Uma proposta de intervenção didática: o errar como um percurso do aprender e ensinar?”, visam nos instalar num lugar delicado, qual seja, as impressões dos ‘erros’ cometidos em atividades de resolução de problemas matemáticos numa turma de 9º ano de uma escola municipal de ensino fundamental. Buscando superar os sentimentos de fracasso diante da ‘senhora matemática’, os autores, com base em Pólya e Onuchic, apontam para um exercício dialógico de aprender, reaprender e descobrir que, sim, podemos aprender com os erros (ufa!)...

Voltando às origens do pensamento ocidental, no artigo “O mito e seu valor pedagógico sob o olhar de licenciandos em pedagogia”, Alves nos expõe uma pesquisa junto a curso de licenciatura, sobre o lugar que o mito ocupa no



processo de ensino e de aprendizagem. Ancorado em pensadores de peso, o autor se pergunta pela função educativa do mito para o despertar da consciência humana.

Na escola básica, o lugar que ocupa o ensino de filosofia é sempre um lugar de disputas e acerbos discussões. Longe de imergir nessa seara, Cunha e Paiva, em “Os sentidos da prática: o que fazemos quando dizemos que filosofamos com crianças”, problematizam o fazer filosófico com crianças pequenas, relatando pesquisa e descobertas em escolas municipais de São Mateus, ES. Concentrando nos relatos de educadores, o movimento pedagógico da filosofia nos mostra que a experiência do filosofar não se esgota em entender, analisar e interpretar o mundo, os fatos, mas, sobretudo, em criar novos mundos, outros fatos, diferentes relações, pela abertura a um ensino de filosofia em que a novidade seja a própria criança e sua infância provocadora.

Perguntando-se, por outro lado, pelo papel que desempenham materiais de formação dirigido a docentes da educação básica, Santos e Santos, em “O PNAIC e a produção de textos escritos: uma reflexão acerca do material formador”, se colocam a tarefa de compreender os cadernos de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), programa de formação continuada de professores alfabetizadores. O objetivo do estudo consiste na compreensão do modo com que os cadernos trazem o ensino e a aprendizagem da Língua escrita, dando ênfase para a *produção de texto*, seu conceito e aplicação no processo de Alfabetização. A partir da perspectiva sociointeracional, as autoras se propõem a uma imersão nos cadernos com vistas a destacar seu papel de melhoria da educação no campo da alfabetização, sem esquecer que os problemas na alfabetização não serão sanados somente pelo professor, projetos e formações continuadas (muitas vezes sem continuidade); precisamos, também, dar importância aos singulares contextos escolares, desde a formação docente às estruturas físicas.

No texto a seguir, ainda no espírito da pesquisa sobre o ensino na educação básica, as autoras Camata e Costa nos desafiam a pensar na “Perspectiva histórica da Lei 10.639/03 – Movimentos, cenários e percursos”, que versa sobre o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas



escolas, ainda em luta por efetivação, espaço e ruptura de preconceitos. Mediante revisão bibliográfica, buscam pensar os discursos e as práticas que se constituem na trajetória de mudanças curriculares atuais.

Por fim, porém, mantendo nosso interesse e desafio pelas questões do ensino na educação básica, Muscardi e Kavalek, em “Ensinando ciências numa perspectiva histórico-filosófica”, mostram experiências de ensino de história da ciência mediante uma abordagem contextualizada da produção do conhecimento científico junto a professores. Resultado de um minicurso oferecido pelas autoras, o texto busca superar uma visão neutra e acumulativa de ciência, em prol de uma perspectiva interdisciplinar de ensinar ciências.

Que os textos do presente dossiê sejam lidos, debatidos, provoquem outras indagações, outros pensamentos e práticas, sobretudo, no contexto do ensino na educação básica, em relação com a pesquisa e com a busca de novos sentidos para a tarefa de educar, ensinar, aprender, perguntar e, por que não, manter uma atitude de constante desconfiança, bem no encalço de Riobaldo, em “Grande sertão: veredas”: “Eu quase que nada sei. Mas, desconfio de muita coisa”.

Jair Miranda de Paiva

